

O DESAFIO DO USO DAS TIC NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alzeni Ferreira Lopes*

Édina Maria Batista Rangel dos Santos**

Paula Joelma Soares Ferreira***

Pollyana Valéria Gomes Brito****

Resumo: A tecnologia vem avançando cada vez mais rápido na sociedade atual. É cada vez mais difícil para a educação escolar prender a atenção e despertar o interesse pelo conhecimento. A escola não pode mais ficar à margem da tecnologia e esse despertar para o uso social e adequado das Tecnologias da Informação e Comunicação deve ocorrer na escola o quanto antes, ou seja, na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Tecnologia. Educação. Sociedade.

Introdução

A sociedade é dinâmica e é influenciada pelas mudanças econômicas, políticas e também tecnológicas. Tantas transformações acabam por modificar as relações entre as pessoas, onde quem não se adequa a este sistema acaba por ser excluído dessa sociedade que cada vez mais necessita das tecnologias para continuar “funcionando”. Atualmente, ninguém mais pensa em passar um dia sequer sem fazer uso do celular, da máquina de lavar ou de microondas, e assim também o é em relação às diversas formas de comunicação.

* Pós-graduanda do curso de Educação e ética para uma Cultura de Paz. Pedagoga formada pela Universidade de Pernambuco (UPE), atua na rede municipal de ensino de Jatobá – PE. E-mail: alzeniflopes@hotmail.com.

** Pós-graduanda do curso de Educação e ética para uma Cultura de Paz. Formada em História pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), atua na rede municipal de ensino de Jatobá – PE. E-mail: edinarangel2@gmail.com.

*** Pós-graduanda do curso de Educação e ética para uma Cultura de Paz. Pedagoga formada pela Universidade de Pernambuco (UPE), atua na rede municipal de ensino de Jatobá – PE. E-mail: paulajsf@gmail.com.

**** Pós-graduanda do curso de Educação e ética para uma Cultura de Paz. Pedagoga formada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB- Campus VIII), atua na rede municipal e estadual de ensino de Jatobá – PE. E-mail: pollyvgbrito@yahoo.com.br.

As instituições escolares por não acompanharem a rapidez dessas transformações acabam por amargar o desinteresse dos discentes e o despreparo dos profissionais da educação para lidar com tudo isso. Entretanto, as Tecnologias de Informação e Comunicação aparecem com um meio eficaz e eficiente para o desenvolvimento de uma melhor inserção na sociedade tecnológica. Contudo, como trabalhar com as TIC na busca desse objetivo? A quem interessa que esse trabalho seja proveitoso? Em que realmente a tecnologia pode colaborar na educação? Como aproximar a criança da tecnologia sem comprometer seu desenvolvimento sócio-psíquico-biológico?

Portanto, neste artigo, pretendemos diagnosticar parte da problematização que se encontra inserida a educação infantil, bem como a responsabilidade que recai sobre a pessoa do professor de assumir novas posturas trazendo para sua prática cotidiana propostas diversificadas de atividades que envolvam novas formas de leitura utilizando as TIC, tendo a luta contra o racismo como uma luta de todos; o afeto, a relação com as famílias, a religiosidade popular; todas essas propostas devem estar vinculadas a dimensão de um mundo contemporâneo, porém numa visão de que é possível sim expandir atitudes de paz desde a Educação Infantil. Utilizar desde cedo as TIC possibilita à criança uma maior e melhor integração a essa sociedade tecnológica onde seu domínio torna-se extremamente necessário.

Um pouco da história da educação infantil

É impossível falar de educação sem voltar os olhos para o passado. É impossível ainda fazer educação sem se apossar de heranças filosóficas, tendências... Porque desde os tempos remotos a história é escrita por aqueles que a determinavam. E narrada por aqueles que tentam fazê-la.

No contexto mundial, a partir dos séculos XVII e XVIII, com o surgimento dos refúgios, asilos, abrigos de crianças e filhos de mães operárias, podemos demarcar o contexto em que a infância no mundo passou a ser considerada como uma etapa da vida que merece atenção em todos os sentidos.

Materiais pedagógicos (quadros, modelos, etc.) e atividades diferentes (passeios, etc.), realizadas com as crianças de acordo com suas idades as auxiliam a desenvolver aprendizagens abstratas, estimulando sua comunicação oral. Já em 1657 Comênio usou a imagem de “jardim de infância” (onde “arvorezinhas plantadas” seriam regadas) como o lugar da educação das crianças pequenas (OLIVEIRA, 2007, p. 64).

No início do século XX, as instituições atendiam as crianças pequenas faziam como medida de saúde pública, como resposta aos altos índices de mortalidade infantil, ficando as verbas destinadas à criança pequena, por várias décadas, pulverizadas nas áreas de saúde, Assistência Social e Educação. Nesse período destacam-se Ovídio Decroly e Maria Montessori, que apesar de serem médicos interessaram pela educação das crianças (Cf. OLIVEIRA, 2007, p. 73-74).

O debate à época evocava a necessidade de educar, moralizar domesticar e integrar os filhos de trabalhadores. Tais ideias traduziam uma concepção de infância como um período de ingenuidade, inocência, da facilidade de modelação do caráter. As famílias eram “ensinadas” a adquirir posturas adequadas com relação às crianças, calcadas em valores rígidos embasados no cristianismo e nos valores morais burgueses. Também a escola e as instituições de caridade eram consideradas como um espaço de controle social, procurando-se evitar a vadiagem e a delinqüência infantil, com a preocupação voltada para a integridade física e moral. Essa concepção baseada apenas no cuidado está vinculada à prática assistencialista que marcou as creches nesse período e ainda se encontra presente em muitas Instituições de Educação Infantil. Tal visão compromete a perspectiva dos direitos das crianças, pois, ao se restringir a aspectos ligados aos cuidados, ficam desviadas as dimensões da socialização, da aprendizagem, da vivência cultural, privilegiadamente fundamentada na diversidade.

A atual etapa [da educação infantil] reconhece o direito de toda criança à infância. Trata-a como “sujeito social” ou “ator pedagógico” desde cedo, agente construtor de conhecimentos e sujeito de autodeterminação, ser ativo na busca de conhecimento, de fantasia e

da criatividade, que possui grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e escolhe com independência seus itinerários de desenvolvimento. A inteligência infantil, sua linguagem e suas formas de representação via desenhos, modelagens, pinturas, são cada vez mais valorizadas, também pela indústria cultural e de entretenimento, além da publicidade (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

Observa-se que a concepção de infância mudou e junto com ela diversos valores e perspectivas acerca das crianças. Hoje não se concebe mais a criança como alguém passivo em relação ao seu meio, mas, alguém que interage influenciando e sendo influenciada por ele. Tudo isso é facilmente observável se analisarmos a história da educação infantil no Brasil.

Educação infantil no Brasil

A Educação Infantil no Brasil caracteriza-se como primeira etapa da educação básica, onde é responsável pelo desenvolvimento das potencialidades infantis. Em primeiro lugar observa-se um avanço do conhecimento científico sobre o desenvolvimento infantil aliado ao reconhecimento da sociedade acerca do direito da criança à educação nos primeiros anos de vida. Em segundo lugar a participação crescente da mulher na força do trabalho, notadamente por meio do movimento sindical e de mulheres, passou a exigir que instituições de educação infantil fossem ampliadas para dar conta dessa nova condição social feminina. Em terceiro lugar, e como consequência dos itens anteriores, o processo de democratização da sociedade e da educação no Brasil tornou possível o acesso e a permanência de considerável número de crianças de 0 a 6 anos de idade em diversas instituições educativas, das públicas às privadas, sendo contempladas, nessas últimas, as instituições filantrópico-assistenciais, comunitárias e totalmente privadas.

A educação infantil deve ser oferecida em creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade, e em pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade. Na Educação Infantil, a forma de avaliação deve ser feita através do acompanhamento e registro constante do desenvolvimento da

criança, sem o objetivo de promoção, especialmente para o acesso ao Ensino Fundamental. Isso significa que os alunos da Educação Infantil (crianças de creches e pré-escolas) não estão sujeitos a avaliações gerais de seu desenvolvimento, ressaltando que é terminantemente proibido o uso dos resultados das avaliações baseadas no acompanhamento da criança, com seu respectivo registro, para, de alguma maneira, restringir o acesso dessa criança à primeira série do Ensino Fundamental, visto que esse acesso se constitui em um **direito** constitucional inalienável de toda e qualquer criança (BRANDÃO, 2004, p. 57, grifo do autor).

É importante considerar que nenhuma vida vale mais que a outra diante do fato de que todas as crianças e todos os adolescentes do planeta são iguais. Cada fase da vida apresenta suas especificidades, requerendo, de quem lida com o ser humano uma atenção especial às necessidades que caracterizam cada momento da vida.

Na fase de 0 a 6 anos, é fundamental ficar bem atento ao tipo de afeto que oferecemos às crianças, bem como os modos como elas dão significados às relações estabelecidas com e por elas. Desde o nascimento, as condições materiais e afetivas de cuidados são marcantes para o desenvolvimento saudável da criança. É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, por toques e olhares, que a criança construirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo, atribuindo significados a tudo que o cerca. Seus conceitos valores sobre a vida, o belo, o bom, o mau, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período. Contudo:

[...] o desenvolvimento humano não decorre da ação isolada de fatores genéticos que buscam condições para o seu amadurecimento nem de fatores ambientais que agem sobre o organismo, controlando o seu comportamento. Decorre, antes, das trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida do indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. Como todo indivíduo vivo, o humano se inscreve em uma linha de desenvolvimento condicionada tanto pelo equipamento biocomportamental da espécie quanto pela operação de mecanismos gerais de interação com o meio (OLIVEIRA, 2007, p. 126).

É justamente nesse momento das trocas em que a criança se insere na vida escolar e passa a relacionar-se com outros indivíduos favorecendo o seu desenvolvimento enquanto ser social. Assim, faz-se necessário questionar a imagem

que o educador e a educadora traz de criança e de infância, pois tal imagem traduz a relação adulto-criança e se reflete na organização das atividades nas instituições e, especialmente, nas variadas formas de avaliação utilizadas.

Crianças são aquelas “figurinhas” curiosas e ativas, com direitos e necessidades, que precisam de um espaço diferente tanto do ambiente familiar, onde são objetos de do afeto de adultos (em geral, adultos muitos confusos), quanto do ambiente escolar tradicional, frequentemente orientado para a padronização de condutas e ritmos e para avaliações segundo parâmetros externos à criança (OLIVEIRA, 2007, p. 45).

Promover a reflexão sobre a imagem de criança que dá suporte às práticas dos educadores e educadoras possibilita a compreensão para estimular condições de igualdade. Tal igualdade pressupõe o reconhecimento das diferenças que sabemos existirem. Para tanto, é necessário ter informação sobre os direitos que necessitam ser assegurados a todas as crianças. Isso exigirá um olhar mais atento e maior sensibilidade, pois as diferenças se manifestam no cotidiano e carecem de “leitura” (decodificação dessas manifestações). Será que de fato está acontecendo, uma relação saudável e de confiança? (Seja nas relações criança – criança, adulto – criança- família, seja na criança grupo social).

Dessa forma, propomos que creches e pré-escolas busquem aproximar cultura, linguagem, cognição e afetividade como elementos constituintes do desenvolvimento humano e voltados para a construção da imaginação e da lógica, considerando que estas, assim como a sociabilidade, a afetividade e a criatividade, têm muitas raízes e gêneses. A instituição de educação infantil pode atuar, sim, como agente de transmissão de conhecimentos elaborados pelo conjunto das relações sociais presentes em determinado momento histórico. Todavia, isso deve ser feito na vivência cotidiana com parceiros significativos, quando modos de expressar sentimentos em situações particulares, de recordar, de interpretar uma história, de compreender um fenômeno da natureza transmitem à criança novas maneiras de ler o mundo e a si mesma (OLIVEIRA, 2007, p. 45 e 46).

Percebe-se, portanto, como a participação e envolvimento das famílias nesse processo educacional que se inicia é importante, pois, de acordo com nossa

Constituição Federal a educação da criança pequena é dever da família e do Estado, ou seja, ambos devem estar unidos nessa empreitada.

Na perspectiva de que o Estado garanta esses direitos, a Constituição Federal de 1988 traz, pela primeira vez, a expansão Educação Infantil para designar o atendimento em creche e pré-escola e traz a garantia constitucional do dever do Estado com esse atendimento etário, não apenas como política de favorecimento ou benefício das mães, mas, antes, como um direito das crianças (artigo 208, inciso IV). A lei reconhece o caráter educativo das creches antes pertencentes à área da Assistência Social, passando a se incorporar à área da Educação. No início da década de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), considerado uma das leis mais avançadas no mundo no que se refere à proteção das crianças, aponta direitos que devem ser garantidos e respeitados por toda a sociedade reforçando os preceitos com relação à educação e às escolhas realizadas por professores e outros profissionais [...] (DIAS, 1997; GODOY, 1996; CAVALLEIRO, 2001).

A relação entre instituição de Educação Infantil e família não existe sem conflitos, mas precisa ser encarada e redimensionada na perspectiva do diálogo permanente, por meio da escuta sensível e acolhedora que busca compreender a história de vida das crianças no atendimento de suas necessidades. Na relação com as famílias, alguns equívocos precisam ser superados. Um deles diz respeito a ideia de que as famílias pobres e negras não tem conhecimento, que não sabem ensinar seus filhos que não se preocupam com a educação deles que não tem noção de higiene, que não sabem como alimentá-los, que são supersticiosas e que necessitam de alguém de fora da família que as ensine a educá-los.

A família, do ponto de vista do indivíduo e da cultura, é um grupo tão importante que, na sua ausência, dizemos que a criança ou o adolescente precisam de uma “família substituta” ou devem ser abrigados em uma instituição que cumpra as suas funções materna e paterna, isto é, as funções de cuidado e de transmissão dos valores e normas culturais – condição para a posterior participação na coletividade (BOCK, 2002, p. 249).

É indispensável que o educador ou educadora tenha habilidades no olhar e perceba que o processo pelo qual vem passando a Educação Infantil exige novas

posturas dos educadores, que devem considerar a realidade de vida dos educandos e o contexto social, cultural e tecnológico em que estão inseridas as crianças.

A educação como um todo, em especial a educação infantil precisa contribuir para desmistificar um conceito único de infância, chamando atenção para o fato que existem infâncias, e não infância pelos aspectos sociais, culturais políticos e econômicos que envolvem essa fase da vida. Refletir sobre um bom desenvolvimento na aprendizagem dentro da escola é também, pensar nos espaços que têm sido destinados para que a criança possa viver esse tempo tão significativo da vida com todos os direitos e deveres assegurados.

As atividades desenvolvidas nas creches e pré-escolas não devem ser apenas uma mera repetição do cotidiano, como: alimentação, higiene, etc...; mas, tais atividades devem ser resignificadas para que as crianças reflitam e compreendam a necessidade delas. Esse cotidiano de atividades deve incluir entre outras coisas: a leitura, o uso de microcomputador, exibição de vídeos, audição de canções infantis, histórias de fada (Cf. OLIVEIRA, 2007, p. 226), enfim, o uso das TIC se torna fundamental para que o trabalho nessas instituições seja qualitativamente enriquecido.

Além das diferentes apropriações dos espaços educativos e sociais é necessário que os docentes desenvolvam uma variedade de habilidades voltadas para a cultura. Pois o desenvolvimento intelectual da criança não ocorre por si mesmo, mas é fruto da atividade do homem em relação com o meio.

As TIC na educação escolar

Considerando os avanços tecnológicos que começaram a aparecer mais fortemente no final dos anos 60 e início dos anos 70 sendo um dos resultados uma nova sociedade na qual estamos inseridos, mediante características e procedimentos evolutivos que se adaptam ao crescimento do forte sistema capitalista, da globalização, da economia e da virtualidade atendendo a produção de formas sofisticadas de exclusão. Estas formas vão gradativamente influenciando na

convivência e ao mesmo tempo rotulando os que ficam indiferentes. Portanto, viver em sociedade nos dias atuais é basicamente buscar instrumentos de mobilização e expansão que favoreçam conhecimento e interação com as novas tecnologias numa dimensão de emancipação do ser humano.

São muitas as tecnologias que estiveram e estão a favor do homem ao longo da história, contudo, o surgimento das tecnologias da informação tem gerado transformações até então impensadas pela maioria das pessoas, já que a internet se tornou um novo canal de convivência e não apenas mais um instrumento de comunicação.

Estar conectado é uma condição para estar incluído na sociedade da informação e comunicação. Esta é uma das questões que deve ser discutida de forma crítica, que aponte caminhos e metas que passem a incluir o maior número de pessoas possível. Se esta é uma das condições de inclusão que venha acontecer de maneira mais responsável. A escola pública pode representar e atuar como uma das alternativas para o uso das novas tecnologias, com base nas informações e comunicações superando as conseqüências apontadas em nível cultural e social. Todo o sistema tecnológico não pode ser entendido ou visto de forma isolada, o mesmo nos transporta para um contexto globalizado sujeito a mudanças constantes, as quais nos proporcionam novos acessos a essas bases e dados de informação. Precisamos estar abertos, pois estamos inseridos num processo de evolução, o qual nos enriquece e nos eleva cada vez mais a capacidade de sermos cidadãos e cidadãs na busca de informações, conhecimentos e experiências que permeiam o mundo da informatização.

A utilização das novas tecnologias nos possibilita uma reflexão crítica da realidade como novos espaços geradores de inovações. É pelo processo de comunicação que as pessoas interagem sem perder sua capacidade subjetiva de aprender. Ninguém pode aprender pelo o outro, mas é possível criar condições que levem a uma interação, tornando a comunicação e a informação um canal indispensável à vida em comunidade, o que pressupõe transformação nas

organizações contemporâneas, inclusive a escola que deve ser gerida de forma diferente e com um processo diferente de ensino aprendizagem.

O que deve ser considerado diferencial é sair do modelo autocrático, para um processo de gestão democrática, rompendo limites e quebrando paradigmas ultrapassados, trazendo para dentro das estruturas educacionais as novas tecnologias. Se isto não acontece podemos perguntar: será que se consegue educar as crianças, os adolescentes e jovens que fazem parte deste contexto de informações diversificadas em todas as áreas do conhecimento humano, sem a presença e a vivência das novas tecnologias? No convívio familiar e comunitário a maioria tem acesso, ao freqüentar a escola passam a ter uma vida desvinculada de contexto maior de vivência diária, é como se estivesse atuando em um mundo diferente do seu.

Sabemos que a globalização da economia e os avanços tecnológicos demandam cada dia mais a alta qualificação, os países que não conseguem se adequar rapidamente as novas exigências correm o risco de aumentarem a defasagem social e econômica. Por outro lado, as exigências de alta qualificação profissional e as demandas da sociedade são fatores de concentração de mercado, de renda e de competição global e de exclusão social. Considerando todos os avanços tecnológicos citado nos dias de hoje, ressaltamos que mesmo assim o sistema não vai parar de produzir, de inovar, de confundir. O que se percebe é que uma minoria consegue acompanhar toda essa evolução, enquanto outra parte mesmo antes de concretizar um aprendizado totalmente eficaz sobre um instrumento tecnológico se depara com novas técnicas, aumentando o abismo entre uns indivíduos e outros.

A emergência do uso das TIC na educação e na educação infantil

A globalização das redes de educação apresenta desafios para o desenvolvimento dos processos de inovação na experiência social e cognitiva, na aprendizagem e na criação do conhecimento. Nesse sentido, mais do que integrar as TIC na educação e na escola o desafio atual compreende a identificação das perspectivas de inovação na educação.

Pense-se, neste sentido, que as coletividades e as instituições são constituídas por acoplamentos com diferentes modalidades e intensidades. As técnicas de comunicação e de processamento de informação desempenham, nelas, um papel constitutivo. Tal condição institucional permite pensar que as instituições possam ser equivalentes a uma organização reticular de tecnologias intelectuais. Assim, além de ser pensada como um sistema cognitivo, uma instituição poderia ser analisada a partir da rede de tecnologias que a constitui (MARASCHIN & AXT, 2005, p. 43).

Mesmo antes de o aluno chegar à escola ele já passou por várias experiências e aprendizagens, ele vivencia no contexto familiar rico ou não culturalmente e emocionalmente seus roteiros mentais e conseqüentemente suas linguagens e a família facilita ou complica sua forma de comunicação.

Sabemos que toda criança também é educada pela mídia, aprende a informar-se, a conhecer os outros, o mundo e a si mesmo ouvindo as pessoas ditarem como viver, como ser feliz ou infeliz e até mesmo como amar e odiar e isso é feito de forma sedutora e ilusionista. A mídia envolve o sistema da comunicação e se torna necessário identificar e utilizar suas influências nos espaços escolares e enfrentar o desafio de desenvolver a consciência crítica dos alunos com relação aos benefícios apresentados pelas novas tecnologias. Já existe em várias escolas o uso dos meios de multimídia nas próprias salas de aula, como lousas digitais, computadores com acesso a internet e a distribuição de notebooks para professores e crianças nos primeiros anos do ensino escolar. São muitos os casos de sucesso na utilização das tecnologias em sala de aula como aliada no processo de ensino aprendizagem, pois a criança independentemente da idade mantém um contato freqüente com tais instrumentos, e a escola deve aproveitar-se disto desde cedo, ou seja, desde a educação infantil.

A ideia de utilizar computadores para ensinar crianças a se tornarem melhores pensadores surge como algo novo e permeado ainda de alguns mistérios, pelo fato de que os docentes não reconhecem ainda em sua maioria como essas tecnologias podem ser usadas para facilitar o trabalho de resignificação de conceitos que é o papel da escola.

De acordo com Lévy (1993), as tecnologias se transformam em tecnologias da inteligência, ao se construírem enquanto ferramentas que auxiliam e configuram o pensamento, tendo nele, portanto, um papel constitutivo. Ao mesmo tempo, tornam-se metáforas, servindo como instrumentos do raciocínio, que ampliam e transformam as maneiras precedentes de pensar. Para o autor citado, as tecnologias agem na cognição de duas formas: (a) transformam a configuração da rede social de significação, cimentando novos agenciamentos, possibilitando novas pautas interativas de representação e de leitura do mundo; (b) permitem construções novas, constituindo-se em fonte de metáforas e analogias (MARASCHIN & AXT, 2005, p. 43).

Para nós professores as TIC exigem uma linguagem contemporânea e um aprimoramento rápido e eficaz e devem despertar maior interesse. A forma tradicional e bancária de lecionar estão ultrapassadas e nesse sentido as tecnologias cumprem um papel fundamental nas escolas rumo a modernidade porque não há uma pós-modernidade.

O sistema educacional, principalmente quando se fala da rede municipal de ensino – que é o âmbito da Educação Infantil -, está distante de fazer valer a inserção tecnológica no processo ensino aprendizagem, quando a preocupação ainda é com os conteúdos tradicionais impostos pelo próprio sistema governamental. A escola (enquanto instituição social) ainda não se deu por conta que a utilização didática das novas tecnologias da informação e da comunicação favorece o processo pedagógico da proposta curricular no mundo novo, tornando a aprendizagem uma atividade prazerosa. O que de fato mais preocupa é que o acesso às informações hoje está por toda parte, sendo transmitida pelos diversos meios de comunicação, não tem mais como a escola se fechar, se distanciar dessas mudanças. O desafio na verdade frente a esse novo contexto é: Como orientar o aluno para saber o que fazer com essas informações, que venham a ser internalizadas em vez de conhecimento e como fazer para saber aplicar este conhecimento de forma responsável na prática cotidiana?

Dentro do processo ensino aprendizagem, é preciso ter cuidado com o uso de novas tecnologias a ansiedade de inseri-las no dia-a-dia pode tornar-se algo desvinculado daquilo que é a proposta propriamente dita. O acesso a informação e a

mídia, a conexão, é, atualmente, uma definição de característica de vida. Nunca usar as novas tecnologias da informação e da comunicação como passa tempo, pois inovar nem sempre significa mudar. Ainda trazendo a Educação infantil para o mundo contemporâneo ressaltamos que o uso das novas tecnologias deve considerar que essas crianças apesar da pouca idade já estão expostas a essas novas tecnologias e como tal necessitam dominá-las para interagir em seu meio social e a escola não pode ficar à margem desse processo.

Conclusão

O processo educativo passa por reflexão e habilidade no olhar dos docentes, no olhar daquele educador que questiona, que desafia seus alunos e se desafia, diariamente, que busca mais, que ressignifica sua prática dentro do mundo contemporâneo. È inerente que o educador utilize-se de vários olhares. Eles são mais importantes no ato de planejar e avaliar planos de aula. O olhar tem poder para despertar e para intimidar a inteligência. No plano de trabalho educacional constituído pelos docentes a partir das OTMS dando ênfase neste artigo a Educação Infantil por ser o ponto de partida do ensino aprendizagem, com responsabilidade de mediar os discentes, bem como sensibilizá-los, motivá-los para ingressar no mundo considerado por eles novo, mas, não tão distante. Convidamos os educadores a enfrentar os desafios da educação do século XXI que passa por garantir desde a Educação Infantil e demais níveis a presença e participação ativa dos nossos alunos em relação às TIC. Neste contexto desafiador faz-se necessário a memorização de procedimentos e técnicas, necessária a um bom desempenho em processos produtivos rígidos, passa a ser substituída pela capacidade de usar o conhecimento científico de todas as áreas para resolver problemas novos de modo original e flexível, o que implica domínio não só de conteúdos predefinidos, mas dos instrumentos metodológicos e das formas de trabalho intelectual multidisciplinar e interdisciplinar desde a educação infantil. O que nos faz considerar que a validade do conhecimento adquirido, assim incorporado, é julgada por sua viabilidade ou por sua utilidade na vida cotidiana e futura.

As principais habilidades de ensino, que nada mais são do que os conjuntos de comportamentos do professor, quando este está face a face com seus alunos. Destacam-se as habilidades de introdução de fatos de forma contextualizada, de aproximação, de olhar para o aluno, de conhecer sua realidade de vida, de manter diálogo com a família, de fazer com que família e escola vivam e assumam dimensões sociais numa perspectiva de cidadania tendo como base fundamental a Educação Infantil através do uso das novas tecnologias. Muitos fatores contribuem para que a aprendizagem ocorra e devem ser levados em consideração pelos educadores e educadoras, como por exemplo, a quantidade e a qualidade do conhecimento acumulado que constitui a estrutura cognitiva do ser que aprende; o conteúdo que vai ser ensinado e a forma como ele está organizado; as maneiras como ele será disponibilizado para o aluno; as interações que o indivíduo manteve e mantém na vida. Para ser um bom professor ou uma boa professora não basta dominar um determinado conteúdo; é preciso saber como transmiti-lo. Para isso chamamos a atenção para um dos fatores mais importantes que é conhecer a estrutura cognitiva dos seus alunos.

A postura do professor é um dos assuntos mais falados nos seminários, palestras e demais eventos de caráter educativo. Os educadores têm procurado melhorar a postura, inovando suas práticas pedagógicas através do estudo sobre novas tecnologias, bem como as formas de se relacionar com os discentes e seus familiares. É importante que haja uma relação de confiança e amigavelmente entre os atores que formam o quadro educacional o qual chamamos de base sólida (docentes discentes e comunidade escolar). A educação infantil por ser a porta de entrada das crianças na instituição escolar não pode eximir-se da obrigação de introduzir os pequenos nas linguagens e interações que ocorrem através das TIC, pois as crianças precisam desse aparato para desenvolver suas potencialidades em seu contexto social onde essas tecnologias já está há muito presentes.

Referências

ALMEIDA, Jorge Miranda de (org.). **Pressupostos da educação para uma cultura ética de paz**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Estrutura e funcionamento do ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.

LOUREIRO, Ana Maria Bastos. **Professor identidade mediadora**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARASCHIN, Cleci e AXT, Margarete. Acoplamento tecnológico e cognição. In: VIGNERON, Jacques; OLIVEIRA, Vera Barros de (ORG). **Sala de aula e tecnologias**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005, p. 39-51.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VON, Cristina. **Cultura de paz**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

